

Avilês de Taramancos e o Reintegracionismo

Isaac Alonso Estraviz

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

ALONSO ESTRAVIZ, ISAAC (2011 [2003]). “Avilês de Taramancos e o Reintegracionismo”. *Agália*: 75-76, 47-53. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/212>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

ALONSO ESTRAVIZ, ISAAC (2003). “Avilês de Taramancos e o Reintegracionismo”. *Agália*: 75-76, 47-53.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.



Avilês de Taramancos e o Reintegracionismo

Isaac Alonso Estraviz

(Universidade de Vigo)

Avilês criança

Do que mais gosto de Avilês de Taramancos é da sua infância na aldeia de Taramancos, talvez polo grande parecido que encontro na minha e na sua vida. Com uma pequena diferença: ele era de uma família acomodada que se podia dar o luxo de contratar trabalhadores e na minha não. Meus pais eram mais pobres. A sua mãe sabia ler e escrever e mesmo lhe escrevia cartas em galego ao filho quando estava em Bogotá. A minha nunca teve essa sorte. Mas meus pais, sem saberem ler, preocuparam-se porque todos os seus filhos fizeram estudos ainda que alguns ficaram a meio caminho. Nós também tínhamos que alternar as labours do campo com as escolares, primando as primeiras. Mais ainda, os meus irmãos maiores não tiveram escola e aprenderam a ler guiados por um vizinho que aprendera um pouquinho no serviço militar. A minha escola não era tal. Era um primeiro andar frente a frente das escadas do sagrado onde se empena o conelho após da missa. A escola veu depois quando eu já não vivia em Vila Seca. E ainda que nascemos no mesmo ano eu nunca tive um mestre que se preocupasse por mim e me emprestasse livros para ler.

Segundo nos contam os vizinhos, Avilês era muito dado a ler e tinha uma grande ânsia de o dia de amanhã chegar a ser um escritor. Enamorava-se de toda rapariga que conhecia e gostava do trabalho do campo. Segundo contam os meus companheiros de infância algo parecido acontecia comigo. Só que eu não me lembro, por-



que um acidente de carro apagou quase todos os meus recordos de criança. À margem da escola nós também jogávamos e isto faziamo-lo nas eiras e nas ruas da aldeia e sobretudo no monte andando com a fazenda ou sem ela. Aquele contacto com a natureza foi o que moldou os nossos espíritos e o que infundiu em nós a coragem de nos sentirmos orgulhosos do nosso lugar de origem.

Avilês literato

Avilês foi um boémio e muito original. Se não fosse assim, não seria ele. Como homem excepcional que foi tudo se lhe perdoa. Encanta-me a sua atitude perante a vida e percebo claramente as que teria que passar para se manter ele com a sua identidade. A sua vida na Crunha é muito atractiva, mas as vicissitudes polas que teve que passar só o assemelham vistas desde a distância. Querer ser escritor e viver na miséria é muito duro. E o mesmo podemos dizer dos distintos trabalhos polos que passou em Colômbia. Uma vida desgarrada pola distância do lar materno e sempre em constante mudança de postos de trabalho. Mas mercê a tudo isso ele foi o que foi. Através das contrariedades forjou-se a sua humanidade e a sua grande veia de poeta.

Seu grande amigo José Luís Rodríguez Sánchez foi quem nos deixou a imagem mais expressiva, atractiva e interessante de Avilês. No mural do claustro do Mosteiro de Samos deixou imortalizado o seu amigo encarnando a figura do diabo à galega. Efectivamente, Avilês em figura de demo aparece sentado acima da pedra fundacional da Ordem, cruzado de braços e pernas com um amplo sorriso. Numa mente castelhana é impossível conceber um diabo pintado deste jeito. E em realidade isso foi Avilês toda a sua vida: um demachinho familiar. Homem alegre, vital, idealista, inquedo, comprometido com a sua terra e sua cultura.

Esse seu compromisso com a nossa língua e cultura foi o motor que o empurrou, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, a construir uma obra literária de grandes fôlegos. A escolha cuidadosa da linguagem, a sonoridade da sua poesia e o tratamento vivencial dos mais disparos temas, faz dele um dos nossos mais grandes poetas. Ouvir declamar a sua poesia provoca em nós um redemoinho de encontrados sentimentos, um afã de luta contra o colonizador.

A sua obra poética podemos agrupá-la nas seguintes etapas: a) Poesia infantil, a maioria dedicada às rapazas polas que se sentia atraído e que



grande parte se perdeu; b) Poesia de mocidade: *As moradias do vento* (1955), *A fruta i-o garmelo* (1959), na linha de Luís Amado Carvalho; c) Poesia de amor: *Pequeno Canto* dedicado a Fina Barrios e *Poemas soltos* a Maricarmen Pereira, todos eles publicados posteriormente em *O tempo no espello* (1982).

Mas o que realmente constitui a sua obra poética mais importante são: a) *Poemas de ausência* onde o tema dominante é a ausência da patria (1963-1969), publicados posteriormente também em *O Tempo no espello*. O poeta contempla desde Colômbia a sua Terra. A poesia já é diferente e de forte cunho pessoal (aconselho a leitura em voz alta dos poemas⁽¹⁾: «E vesme eiqui, amigo duramente» (pp.37-38), «Dobrégate sin cólera, estás diante da terra» (pp. 39-40), «Sangue callado, Terra escura, terra» (pp.43-44); b) *Cantos Caucanos* (1985), um estilo de poesia fora do comum na nossa literatura. Desde a sua terra natal canta à terra colombiana como formando parte de si mesmo (para perceber um bocado o dito, aconselho a leitura de «Elegia de Popaián» (pp. 63-65), «Canto de Noralba Timbacoí» (pp. 67-69) e ainda «Os arrieiros de Antioquia...» (pp. 75-76); c) *As torres no ar* (1989) (deste poemário é muito significativo «Na outra banda do mar constrúen o navio.» (p. 103); d) *Última fugida a Harar*. Poemário elaborado quando sabia que tinha os dias contados e onde o seu estro procura eternizar-se (leam-se «Do escuro da caverna o ollo espreita o astro» p. 121; «Anxo da noite, cazador no escuro», p. 123; «É hora da luz! É hora da luz! É necesario», p. 145; «Fusquenlla», p. 155).

Como disse anteriormente, o seu léxico é um léxico escolhido e bom. De vez em quando aparece algum dialectalismo e mesmo formas espúrias herdadas da tradição literária galega. A sua prosa é também muito cuidada. Constitui um prazer ler os seus artigos de *Obra viva*.

Avilês reintegracionista

Resulta bastante chocante que se tenha falado de Avilês de Taramancos e da sua obra por activa e por passiva, mas se tenha esquecido, como acontece sempre que se homenageia algum escritor ilustre no Dia das Letras Galegas, que ortografia empregava. Só há um caso que sai deste tabu. Trata-se de Aurora Marco (2003) conhecedora do pensamento e da obra de Avilês, que sim o trata na sua ampla e bem documentada

(1) Todas as citações se fazem a partir da obra *Antón Avilés de Taramancos. Obra Poética. Antoloxía*, ed. de Xosé María Álvarez Cáccamo, A Nosa Terra, Vigo, 1997.

obra: *Avilés de Taramancos, Un francotirador da fermosura*. Alguns dados do que vou dizer a seguir, estão tirados da obra mencionada.

A respeito da escolha ortográfica, Avilés de Taramancos foi reintegracionista. Teoricamente defendeu, polo menos duas veces claramente, a unidade lingüística galaico-portuguesa. Na práctica escriveu toda a súa obra —a partir de *Tempo no espello*— na chamada ortografía de mínimos. Aurora Marco (2003, p.274, nota 5) explica-nos o que aconteceu com *Tempo no espello* e *Nova Crónica das Índias*. *As torres no ar*, *Última fuxida a Harar*, *Obra viva*, foram escritos e publicados na linha reintegracionista. Na defensa da unidade lingüística galego-portuguesa, prefiro deixar que fale o próprio poeta.

No encontro de poesía de Abril de 1987 em Amarante diz aos ali presentes: «Se hoxe os portugueses entendedes e atendedes as vicisitudes do noso povo, se vos achegades com interés aos froitos literários da nosa língua, que cresce e se reforza na vosa própria andadura univesal;...» «Galiza terra irmá de Portugal: Estamos aquí mais unha vez para confirmá-lo, para que a vida e o destino de dúas nazóns que deberan ser unha, e que a man infame da História cercenou no seu berce, sexan no futuro non irmás protocolárias de graves tratados oficiais, senón irmás sinxelas, nadas do mesmo berce, que ollan de cara ao futuro na mesma direción e que comparten o pan e os pesares, as loitas e a alegría, **que fortifiquen as liberdades e alcen diante dos povos do mundo a mesma língua que nos une para pedir a paz e o traballo**» (O negrito é meu) (*Obra viva*, pp. 44-45.) Na entrevista que lhe fez Manuel Forcadela em 1989, *AVILES DE TARAMANCOS: COS PES NA TERRA*, e que se pode consultar na rede, na terceira das três páxinas responde, à pergunta sobre a temática de *Torres no ar*, o seguinte que passo a copiar na íntegra:

«R: -Certamente non son eu, nin polas miñas características persoais nin pola miña vida social, un poeta que poda ser acusado de turriburnista. A verdade é que teño que andar escribindo mesmo dentro da multitude. Admiro sen embargo o turriburnismo dos poetas brasileiros do século pasado. No Brasil houbo unha xeración de poetas como Afonso de Guimaraes, Olavo Bilac ou Cruz e Sousa, que conforman o chamado parnasianismo ou simbolismo brasileiro, tan importantes ou máis que os franceses a pesar de que se coñecen pouco. **Influíron moito en min porque forman parte dunha literatura feita na nosa mesma lingua e clarísima, perfecta** (O negrito é meu). Algo de todos eles quere estar presente, aínda que sexa dun xeito inconsciente, no meu libro. Desde Olavo Bilac ata Cruz e Sousa, que, por certo, era un poeta mulato que facía moitas referencias á brancura. Estaba obsesionado coa brancura».



A *Agália* ofereceu dous poemas do libro *Torres no ar*, que se publicaram no nº 7 de 1986, pp. 343-344, na chamada naquela altura, ortografía de máximos. Eis o exemplo do que aparece na páxina 343 da revista mencionada:

*A rosa que cultivas no teu colo
Tem a perfeita dimensom de vida:
Abre-se a daga como umha ferida;
É tam profunda como o desconsolo.*

*Fai-se grande no amor, e embravecida
Impom um pulo desbocado e tolo
De pantera em sazom, pomba em arrollo,
Onda que rompe a fúria submetida.*

*Fruto salobre, a rosa submarina
É medusa que se abre no centeio
E canta como a estrela matutina.*

*Eu bebo de joelhos no teu seio
Esse tremor de força repentina
No que me profundizo e me recreio.*

E por ser neste campo, como noutros, uma pessoa aberta, que tratava e falava com todo o mundo independentemente de ideologías políticas ou linguísticas foi artemente atacado por Méndez Ferrín que nunca emprega a ortografía que defende e que denomina os que não a seguem de fascistas. Eis uma carta que lle dirixiu e que publica Aurora Marco (2003, 333-334) no seu libro:

15-7-1986

Querido Avilés:

Só para ti. Non comentes esta carta coa directiva da AELG.

Quero que saibas que me atopo incómodo na Asociación.

Non me parece ben que participes coa AGAL e coa ASPG en plataformas, e que reclames fórmulas de conciliación ortográfica. Son mentira, son cabalos de Troia do divisionismo CAINITA da pequena burguesía ociosa. Se fas así, fican fora os escritores que queremos unha soia ortografía, a oficial, a do ILG. Calquera ortografía, pero a oficial para poder escolarizar e non dar unha imaxe de anarquía.

Tamén fican fora da Asociación os que non aceptamos a ortografía do Bloque-ASPG, no intre en que a asociación adopta oficialmente a súa ortografía.

O meu disgosto é grande: somos moitos os que estamos co ILG e coa irresponsábel campaña contra o seu inxente e utilísimo traballo. Hai que ser un perverso para negalo.

Por outra banda, non estou de acordo coa presenza nun acto do Bloque da AELG. É ofender aos que non estamos nese partido e temos razóns comunistas e nacionalistas para non estar. Igualmente me repugnaría a tua presenza, como presidente da AELG nun mitin de outro partido. Aínda mais: daba a sensación de que estaba o Bloque e, ao seu carón, as súas organizacións satélites: A INTG (os que a destruíron), a Federación de Asociacións Culturais (que non anda...), os AELG (¿É certo?)

Así non se combate. Así non se destroi a Piñeiro e ao seu grupo. Agora entendo a operación de acoso a Pexegueiro. Ti verás.

Con infinda tristura

Asdo: Ferrín,

P.S.(...)

Esquecíame

No Consello de Redacción de «Espiral» acordouse non seguir envián - doche a revista, interpretando o teu silencio verbo da suscripción como unha positiva falla de interés polos seus contidos.

A carta de Ferrín não pode ser mais reveladora. O homem defende fantasmagorias e crê-se tão imprescindível que quer ter a AELG ao seu dispor. É a atitude e o dilema dos que não se sentem seguros. Por isso ainda defendendo de palavra o comunismo e o nacionalismo, aliam-se com os poderes mais reaccionários. Quem está certo de possuir a verdade não precisa de dogmatismos, nem de poderes opressores para defender o que crê. A verdade defende-se por si só. Se tão seguros estão por que não pedem liberdade e ajudas para todos ou que não se concedam a ninguém!? Deste jeito ainda podiam aspirar a que se lhes considerasse como intelectuais. Ora que classe de intelectual pode ser o senhor que acha que quem não está com ele está fora da verdade e se esconde para o dizer pedindo que ninguém saiba o que ele lhe diz a Avilês?

Felizmente, Avilês continuou a tratar com todo o mundo. Pessoalmente sempre me senti à vontade com ele em todo momento e o mesmo aconteceu com outros colegas de uma ou outra linha. Estava por cima de mentalidades raquíticas como as de Ferrín que encontra inimigos por toda a parte. Eis a força e a vontade de Avilês que transcendeu a olhada mesquinha de uma cultura submetida servilmente à castelhana por muito nacionalistas que se proclamem.



A que conduziu a normativa?

No 1987 cheguei a Ourense para leccionar no Otero Pedraio. Era difícil ouvir falar castelhana polas ruas do Possio. Hoje o que resulta difícil é ouvir falar galego. Tanto dogmatismo lingüístico por parte de grande parte do professorado, levou a que hoje os jovens aborreçam o galego e se neguem abertamente a falá-lo. Os mesmos complexos estendidos agora a mais gente. Chumbam uma e outra vez os alunos galego-falantes e aprovam àqueles que não sendo galego-falantes aprendem uma norma que não empregam nem na fala nem na escrita! Quanta paciência cumpre para os convencer e que não desertem do idioma como desertaram do arado!

E os académicos a defenderem uma pseudonorma e a escreverem cada qual como lhes peta!! Só pessoas dialogantes e comprensivas como Avilés de Taramancos poderiam pôr remédio à desfeita total que se avizinha.

Bibliografía

- ÁLVAREZ CÁCCAMO, José Maria, *Antón Avilés de Taramancos, Obra poética. Antoloxía*, A Nosa Terra, Vigo, 1997.
- AVILÉS DE TARAMANCOS, Antón, *Obra viva*, Laivento, 1992.
- AVILÉS DE TARAMANCOS, Antón, *Última fugida a Harar*, Espiral Maior, 1992.
- MARCO, Aurora, *Avilés de Taramancos, Un francotirador da fermosura*, Toxosoutos, 2003.



VIII

Anxo da noite, cruzado no escuro
que ves flutuar a no depulsa do Souto:
o varal, estê listo, a audácia posta
o coração afeto ao longo exílio.
O mundo que eu viçi foi só de sombras
sonos frem os frutos, as vendimas,
e só o amor brillou, brillou acato
tamen o lou da pátria sempre aceto
que me manteu o sangue exaltado.
Mas a pulato, si: foi sempre viva!
foi espada e mado a cotovia
lança de leicada, ai meu amigo,
derrota e liugradus. O artificio
é o que no seu opor o esto destono:
quero volver a simples motada
que un dia fireu no diutel do varo,
a terra do labor, xo feito eiza
para fustal na Saiva, e ter de novo
os faxeiros no mar... E se curto tempo.

15-9-91